



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

"TEMOS DE TER UMA PERSPECTIVA DE MISSIONÁRIOS, NÃO DE FUNCIONÁRIOS"

MARTA VILAS BOAS
MEMBRO DA EQUIPA SINODAL DIOCESANA

P. 04-05

Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 35226 do Diário do Minho. Não pode ser vendido separadamente.

OPINIÃO

Cheira bem, cheira a São João!

CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Entramos no mês de Junho sempre com expectativas elevadas. Seja por beneficiarmos de dias maiores e mais quentes onde o sol brilha mais e mais alto. Seja por podermos fazer longos passeios pelo campo, pela serra e pela praia. Seja pelo regresso do Verão. Seja por sentirmos que as férias estão já ao virar da esquina. Seja por ser um mês perfumado, que cheira a flores e a erva cortada, cheira a risos, danças e casamentos. Cheira a Santos Populares, com festas e arraiais por todas as cidades, ruas e bairros, por todo o país e por vários dias, especialmente nas noites de Santo António, São João e São Pedro.

Junho de 2022 marca o regresso, em força, das maiores festas populares, cujos inícios remontam já aos antigos rituais pagãos do solstício de verão. Santo António, São João e São Pedro, trazem dança, música, cortejos, trazem alegria e convívio para as ruas, trazem oração e gratidão. Se Lisboa se vestiu a rigor para celebrar o Santo António, Braga também não fez por menos, ao trazer cor, tradição, cultura e diversão para as ruas naquela que é a sua maior festa: a festa de São João! O cheiro a sardinha assada, a manjerico e a alho-porro volta a ser o nosso (perfumado) cartão-de-visita. As diversões, com os seus carrosseis coloridos e com os carrinhos de choque, as barraquinhas, umas com faturas, outras com balões e martelos, as luzes e decorações a brilharem, os concertos, exposições e cortejos sempre a acontecerem, fazem as delícias do público de qualquer idade. O São João de Braga é uma festa única e gigantesca, que nos fala de tradição e de inovação, de costumes, de fé e de oração, de cantares ao desafio e de bombos a ressoar pelas ruas, de concursos e espectáculos musicais, atraindo pessoas de todos os cantos da cidade e do país, cativando os turistas e os nossos emigrantes. É uma festa que une gerações, arrasta multidões e aproxima vidas diferentes. É uma festa de todos e para todos!

Como estávamos desejosos de sair, de vir para a rua, de dançar, de rir e de celebrar. De brindar com cerveja, de saborear as sardinhas a pingar na broa, de comer uma bifana, ou um pão com chouriço. De subir e descer a nossa avenida com um martelo, ou um alho-porro na mão. De comer cerejas, churros e faturas enquanto assistimos ao fogo-de-artifício. Que bem que sabe e que falta nos faz a dimensão social nos nossos dias, o reencontro com o São João e os abraços e brindes com a família e amigos.

A propósito das festas populares, André Rosa escreveu: “Tenho para mim que há poucas cenas mais genuinamente portuguesas como as das festas populares. Ao primeiro acorde de uma música popular orelhuda, quase todas as pessoas, de todos os patamares sociais, despertam para um animado pé de dança e improvisam comboios de mãos nas costas de desconhecidos. Só quem vive esse ambiente em pleno saberá descrevê-lo. É desta faceta popular e despreziosa que nos devemos continuar a orgulhar. Afinal, o que é um país sem as manifestações da sua cultura popular?”

INTERNACIONAL

De propósito ou não, o Papa deu uma pista valiosa para o conclave

© AP PHOTO/YORRICK JANSENS

Mesmo antes do Papa Francisco organizar mais um consistório a 27 de Agosto, introduzindo 20 novos elementos no clube mais exclusivo da Igreja Católica, o evento já é notícia – neste caso, não tanto pelos cardeais que lá vão estar, mas o outrora cardeal-designado que não vai.

Na passada quinta-feira, a conferência de bispos da Bélgica anunciou que o antigo bispo de Ghent, Lucas Van Looy, com 80 anos, obteve permissão do Papa Francisco para recusar a sua criação como cardeal, que o pontífice tinha anunciado durante o tradicional discurso Regina Caeli a 29 de Maio.

A razão para a revogação é que o registo de Van Looy sobre abusos sexuais na Igreja ficou debaixo de fogo e, inevitavelmente, criá-lo como cardeal seria visto como insensível e ofensivo para os sobreviventes de abusos.

Há várias questões por esclarecer sobre o assunto, mas a maior conclusão é esta: quer tenha sido intencional ou não, o Papa Francisco fez um favor aos cardeais que vão eleger o seu sucessor, seja quando esse momento for, ao lembrá-los que seja quem for que escolhem deve ter um registo limpo sobre o assunto dos abusos sexuais, ou o próximo pontificado vai começar sob uma nuvem que pode nunca se dissipar.

O próprio Van Looy, sejamos claros, nunca foi um candidato sério ao cargo. Por um lado, era uma das escolhas “honorárias” do Papa Francisco, já que, por ter mais de 80 anos, não poderia sequer participar no próximo conclave. No entanto, se mesmo uma nomea-

ção relativamente simbólica pode gerar uma reacção tão feroz, pense no que seria se a honra fosse infinitamente maior, isto é, o próprio pontificado. Resumindo brevemente as acusações contra Van Looy, que foi nomeado para Ghent em 2004 e resignou em 2019, é acusado de várias flahas em casos de abuso.

Em 2005, Van Looy terá pago 25 mil dólares a uma vítima de um padre belga, Omer Verbeke, mas não notificou as autoridades civis do facto que Verbeke continuava a dirigir um orfanato até 2014, quando se tornaram públicas as acusações.

Em 2007, Van Looy nomeou outro padre belga, que tinha sido considerado culpado de abusar sexualmente um menor em 1994, para uma nova paróquia. Quando o caso foi divulgado à imprensa local em 2010, Van Looy defendeu a decisão: “depois de muita deliberação, decidimos que podíamos dar-lhe outra hipótese”, disse Van Looy. “Também não houve novas alegações. Ele cometeu erros, mas estão no passado”.

Em 2010, testemunhando perante um comité parlamentar belga sobre abusos sexuais, Van Looy reconheceu que não tinha reportado seis queixas contra padres às autoridades civis, dizendo que os seus casos pareciam “menos prementes” porque todos já estavam reformados. Não é claro se Van Looy enviou as queixas à Congregação para a Doutrina da Fé, no Vaticano, como era obrigado a fazer de acordo com os termos de um motu proprio do Papa João Paulo II em 2001.



PAPA FRANCISCO

21 DE JUNHO 2022 · Precisamos, também como Igreja, sonhar, precisamos do entusiasmo, precisamos do ardor dos jovens para sermos testemunhas de Deus que é sempre jovem!

20 DE JUNHO 2022 · Se queremos colaborar com o nosso Pai celeste na construção do futuro, façamo-lo juntamente com os nossos irmãos e irmãs #migrantes e #refugiados. Construamo-lo hoje, porque o futuro começa hoje e a partir de cada um de nós.

VATICANO

Francisco cala rumores de renúncia depois de adiar Viagem Apostólica

O Papa Francisco terminou esta semana com os rumores da sua renúncia, após ter adiado, por prescrição médica, a sua viagem à República Democrática do Congo e Sudão do Sul prevista para Julho. Esta mudança de planos na agenda de Francisco desencadeou inúmeras teorias sobre o fim do pontificado do Papa argentino, que, embora desmentidas pelos seus principais colaboradores, como o cardeal arcebispo de Tegucigalpa (Honduras), Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga, continua a ocupar espaço mediático. A imprensa americana, foco da oposição ao pontificado de Jorge Mario Bergoglio, alimenta frequente estes rumores. O Pontífice, em audiência com bispos brasileiros em visita *ad limina* ao Vaticano, confirmou que quer viver a sua missão “enquanto Deus permitir”.

O Arcebispo de Porto Velho, Roque Paloschi, confessou até um certo embaraço por tantas reclamações que os bispos fazem enquanto “o Papa Francisco tem tanto ânimo”.

OPINIÃO

Dançamos?

ANA RITA SILVA

DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO
DA PASTORAL DA SAÚDE

Muitas vezes os termos diversidade, integração e inclusão são usados como sinónimos, no entanto, existem diferenças na sua utilização. Na área da deficiência, isso é ainda mais visível já que todos temos uma noção diferente do que é incluir e integrar e consideramo-nos muito capazes de tal. Mas na verdade, a inclusão vai mais além da integração. Por integração, entende-se a simples inserção da pessoa com deficiência na sociedade, atribuindo-lhe a responsabilidade na integração (Sassaki, 1997, citado por Machado, 2015)¹. Por seu turno, a inclusão possibilita uma participação ativa de todos (Ross, 1998, citado por Machado, 2015). Permite aprender a viver com o outro, estar e cuidar do outro; não faz bandeira da questão “Ah, somos todos iguais”, mas antes celebra a diversidade e olha para as limitações e diferenças com respeito (Forest e Pearpoint, 1997, citado por Machado, 2015)².

Ninguém gosta de “ficar de fora”, de sentir que não pertence, de sentir-se uma aberração. Seremos nós uma sociedade inclusiva? Teremos as condições e estruturas para acolher todos? Sabemos acolher e incluir?

A verdade é que ainda existem obstáculos à inclusão das pessoas com deficiência. Um deles passa, ainda, pelo nosso olhar, que vemos as pessoas com deficiência como “coitadinhas”, focamos apenas as limitações e incapacidades, vemos a deficiência e não a pessoa. Uma outra barreira é a comunicação, como o caso das pessoas com deficiência auditiva. Esta barreira começa nas mais pequenas coisas do quotidiano. Quando uma pessoa surda/muda nos aborda, tendemos a gesticular e a falar muito alto. Não seria mais fácil se todos soubéssemos língua gestual, se esta fosse ensinada nas escolas? Aí, falaríamos verdadeiramente de inclusão e só nos faria crescer.

Numa sociedade que busca a perfeição, torna-se mais exigente a inclusão das pessoas com deficiência. Também na Igreja subsistem barreiras ao acolhimento destas pessoas (leia-se o *Guia acolhimento eclesial a pessoas com deficiência*, disponível online). Muitas vezes, considera-se que até perturbam a Eucaristia, ou que não compreendem o que está a decorrer, nem sabem rezar. O Papa Francisco refere que “Jesus ouviu quem se Lhe dirige mesmo de forma aparentemente inadequada, talvez só com um gesto ou um grito”³. E como podemos garantir que não é igualmente válido? Deus ama-te como tu és, porque uma Igreja de perfeitos não é lógica de Deus! Numa passa-

gem bíblica, ao ver um cego de nascença, os discípulos perguntaram “Quem pecou, este ou os seus pais, para que nascesse cego?”, mas Jesus responde de forma majestosa “Nem ele pecou, nem os seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9: 1-3).

Quando reflito sobre uma passagem de um livro que amo, “Recebi uma segunda oportunidade na vida. É fantástico, não é? Estou sentado nesta cadeira de rodas e, quando vou lá para fora, para o relvado, para os jardins, as flores estão muito mais próximas. Consigo ver os olhos dos meus filhos” (Eger, 2018)⁴, penso que quem mais inspirou na minha vida foram pessoas com deficiência. Ensinaram-me sobre autenticidade, sobre ser eu sem filtros, sobre ter uma alma colorida e poder expressá-la livremente, sobre amor e a importância de abraçar e transmitir o que sentimos aos outros, com um simples “olha, gosto muito de ti!”. Só tenho a agradecer pela nossa imensa dança e pelas bonitas cores libertadas! “Diversidade é ser convidado para a festa, inclusão é ser convidado a dançar”.

¹ Machado, E (2015). O surdo na rede regular de ensino: integração x inclusão. *Revista Transformar*, (7), 88-101.

³ Francisco. (2018). *Mensagem por ocasião do Dia Internacional das pessoas com deficiência*.

⁴ Eger, E. (2018). *A Bailarina de Auschwitz*. Desassossego.



ENTREVISTA

"A MUDANÇA ACONTECE PRIMEIRO EM CADA UM DE NÓS!"

FLÁVIA BARBOSA (ENTREVISTA)

MARTA VILAS BOAS, ALÉM DE PERTENCER AO CENTRO MISSIONÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA, É TAMBÉM MEMBRO DA EQUIPA SINODAL DIOCESANA. AO IGREJA VIVA CONTOU COMO DECORREU A FASE DE AUSCULTAÇÃO NA ARQUIDIOCESE E QUAIS SÃO AS GRANDES EXPECTATIVAS E REFLEXÕES DO POVO DE DEUS SOBRE O PROCESSO SINODAL.

[Igreja Viva] Como surgiu a oportunidade de integrares a Equipa Sinodal Diocesana?

[Marta Vilas Boas] Eu faço parte da equipa do Centro Missionário. Quando surgiu a possibilidade da criação da Equipa Sinodal, o Sr. D. Jorge Ortiga, que na altura ainda era o nosso Arcebispo, julgou que tentou ter presente que a Equipa tivesse algumas sensibilidades, também de acordo com aquelas que eram as temáticas subjacentes ao Sínodo. Na altura, por pertencer a esse dinamismo e por ter essa vertente missionária um pouco mais presente na minha vida, surgiu o convite para poder fazer parte da Equipa.

[Igreja Viva] Qual foi, ou é, o trabalho desta Equipa?

[Marta Vilas Boas] Esta equipa foi criada um pouco para fazer o Sínodo acontecer na nossa diocese. O Sínodo tem várias fases e há uma que se pretendia que fosse feita a nível diocesano, que as pessoas das diferentes comunidades pudessem encontrar-se e reflectir sobre as temáticas do Sínodo. Há um Documento Preparatório que contém perguntas e sugestões de elementos para serem considerados. A nossa função era pensar de que forma é que a Arquidio-

cese de Braga poderia implementar este processo, como é que ele poderia acontecer. Os documentos já existiam, mas era preciso aproximá-los das pessoas e criar contexto e pretexto para que depois as pessoas pudessem ter contacto com eles e pudessem fazer estas reuniões sinodais. Num primeiro momento tivemos que pensar como é que isto poderia acontecer, porque o tempo era muito limitado – e este acabou por ser um factor de que várias pessoas se queixaram – e as perguntas e os documentos eram extensos. De certeza absoluta que existem falhas... Se fosse agora, já com algum trabalho realizado, até poderíamos mudar alguma coisa, já que a experiência nos vai dando ferramentas para tal. Concluindo, o nosso trabalho foi o de tentar que o Sínodo chegasse ao maior número de pessoas e que o maior número de pessoas pudesse tomar contacto com este processo, que ele pudesse fazer alguma diferença, ser útil, quer para elas, quer para as comunidades onde estão inseridas.

[Igreja Viva] Houve muita participação nesta fase?

[Marta Vilas Boas] A nossa Arquidiocese é enorme, tem 552 paróquias. Se pensarmos

nesse número e o compararmos com o número de sínteses que recebemos e ainda estamos a receber – o formulário está aberto e ainda há alguns contributos a chegar – talvez não. Se pensarmos que algumas sínteses contêm reflexões feitas a nível inter-paroquial, já podemos considerar que atingiu um número razoável. A totalidade nunca conseguiríamos atingir, até porque as realidades também são bastante distintas. Temos a noção de que em determinados contextos é mais fácil proporcionar o encontro das pessoas, noutras contextos é mais difícil... No entanto, o saldo que fazemos é positivo.

[Igreja Viva] Consideras que as periferias de que nos fala o Papa Francisco foram alcançadas, integradas?

[Marta Vilas Boas] É uma questão pertinente e uma reflexão que também fizemos quando elaboramos a síntese. Claramente é-nos difícil chegar a essas margens. Nas sínteses temos muito poucos contributos dessas periferias. Talvez porque tenhamos dificuldade em chegar até elas, ou então também podemos

pensar que elas próprias podem não ter desejado enviar a síntese, há sempre essas duas possibilidades. A síntese também sublinha essa dificuldade de nos aproximarmos daqueles que não estão tão dentro, ou tão próximos da Igreja.

[Igreja Viva] Que aspectos destacas na síntese, quais são as grandes reflexões e preocupações das pessoas?

[Marta Vilas Boas] Tivemos a oportunidade de explicar isto quando decorreu a Assembleia: há assuntos que são mencionados, mas, efectivamente, há assuntos que são quase sempre mencionados. Esses acabam por adquirir maior relevância, são temáticas para as quais as pessoas estão mais sensíveis, ou que desejam mesmo que reflectamos sobre elas. Há coisas que notoriamente sobressaíram: a questão da governação paroquial, que neste momento é muito centrada na figura do pároco, é uma delas. Essa figura é muito visada, mas nós tínhamos consciência disso, tendo também em conta o contexto da nossa Arquidiocese, ainda com marcas bem vinculadas de tradição. Por um lado, a figura aparece muitas vezes

mencionada como uma presença importante, de acolhimento, de proximidade, geradora de comunhão e de vários dinamismos. Por outro, há também sínteses que reflectem que talvez seja necessário existirem algumas mudanças, há contextos onde essa figura é ainda muito solitária, vêem todas as decisões a passar muito pela mão do pároco. O aspecto da formação também é muito destacado, não só no âmbito dos sacerdotes, mas sobretudo no âmbito laical, em várias dimensões: quer seja na dimensão humana, teológica, litúrgica, é mesmo muito mencionada nas sínteses essa necessidade de podermos ser formados para servir. Surge também a necessidade de escuta e acompanhamento. É uma marca clara destas reflexões sinodais: a descoberta que as pessoas fizeram da importância de se encontrarem, de poderem conversar sobre determinados assuntos... Em alguns contextos isso nunca tinha acontecido! E há esta necessidade que sentem para que haja um maior acompanhamento, tempo de escuta, tempos fortes de espiritualidade, não só da eucaristia, mas de outras ofertas



© DACS



Para reforçar o papel laical, é necessário reforçar a formação dos leigos, para que eles possam, efectivamente, desempenhar esses serviços da melhor forma. E também é preciso que entendamos sempre todo o trabalho que fazemos como esse serviço!

também... Sobretudo em momentos que são de fragilidade na vida das pessoas, como lutos, doenças, ou divórcios. As pessoas sentem necessidade de terem alguém que as escute, as acompanhe e que as ajude a trilhar um caminho, a ver alguma esperança. Há outras temáticas que surgem, como a questão da mulher. As sínteses falam muito disto: as mulheres estão em grande número na Igreja, na participação, nas tarefas, mas depois nos Órgãos ou em papéis de tomada de decisão, muitas vezes a representatividade não acontece. Há referências concretas, como os Conselhos Pastorais Paroquiais, os Conselhos Económicos, com presença maioritariamente masculina quando, se calhar, a vida da comunidade é feita maioritariamente por mulheres. Há outros assuntos, há outras temáticas, mas é impossível abordar tudo aqui. As crianças não são muito mencionadas, mas os jovens e a atenção às famílias já são muito marcantes. Na questão das famílias são muito evidenciadas as poucas propostas que existem para os ambientes familiares: temos a catequese e pouco mais. Penso que o que mais nos deve despertar e chamar a atenção é este “caminhar juntos”. Nós, como Igreja, que estamos sempre a dizer que é importante chegarmos ao outro, fazermos pontes, em muitos aspectos, muitas vezes, não conseguimos atingir esses objectivos. Por um lado conseguimos “caminhar juntos” com aqueles que já estão próximos de nós – e, mesmo assim, às vezes, não é fácil –, por outro temos dificuldade em aceitar as diferenças, as divergências, opiniões, formas de ser. Nem sempre se torna fácil, daí também a necessidade de formação e de ferramentas que ajudem as pessoas a terem mais meios para conseguirem esse objectivo.

[Igreja Viva] Acreditas que o papel dos leigos sairá reforçado depois deste Sínodo?

[Marta Vilas Boas] Na minha opinião, e não como membro da Equipa Sinodal, acho que leigos e sacerdotes têm o seu papel na Igreja. A síntese denota um pouco isso: percebemos que é necessário haver cooperação e que os leigos talvez tenham de se empenhar em determinados serviços, até para

darem espaço a que os sacerdotes se dediquem a determinados aspectos que são mais específicos da sua acção. Se calhar temos que libertá-los um pouco de coisas que não têm de ser eles a fazer e podem ser os leigos a ajudar. Ao mesmo tempo, acho que temos de ter a consciência de que, para reforçar o papel laical, é necessário reforçar a formação dos leigos, para que eles possam, efectivamente, desempenhar esses serviços da melhor forma. E também é preciso que entendamos sempre todo o trabalho que fazemos como esse serviço! Havia uma frase muito engraçada que líamos algures que nos dizia que temos de ter uma perspectiva de missionários e não de funcionários. Isso faz toda a diferença! Se sentimos que aquilo que fazemos é trabalho, é uma coisa, se sentimos que é uma missão, é um serviço, a nossa forma de estar e de ser certamente será diferente. Acho que o papel dos leigos irá sair reforçado quando nós, leigos, compreendermos que também temos de ter formação ao longo de toda a nossa vida – como acontece com todos os cristãos – e tivermos sempre esta perspectiva missionária sobre aquilo que fazemos. Claro que este Sínodo, ao levantar estas questões e ao colocar em diálogo as pessoas, também ajudará a aumentar a sensibilidade para estes assuntos.

[Igreja Viva] O que te preencheu mais neste trabalho que fizeste na Equipa Sinodal?

[Marta Vilas Boas] (*Risos*). É uma pergunta difícil. Nós às vezes brincávamos que até íamos ter saudades, nunca tínhamos trabalhado juntos, estas nove pessoas que constituem a Equipa. Quando agarrámos esta missão, todos tínhamos diversas coisas para fazer, mas foi sempre no sentido de tentarmos fazer o melhor possível com os meios de que dispúnhamos e o tempo que tínhamos. Eu tenho sempre a noção – e acho que todos tínhamos – de que em qualquer serviço que me peçam, terei de dar de mim, mas certamente há coisas que também terei oportunidade de aprender. Acho que é um bocadinho essa aprendizagem que às vezes me move e me entusiasma. Foi muito interessante ler as sínteses, foi in-

teressante percebermos o que é que as pessoas sentem, como é que as pessoas vivem em Igreja, o que é que elas assumem como ser o mais importante, ou assuntos que consideram que deveriam ter outra abordagem. Com isso, ganhámos uma visão ampla daquilo que nos rodeia, das pessoas, de como vivem a religião, a fé, a espiritualidade. Acho que já gosto desse trabalho com pessoas, mas essa aprendizagem, esse sentimento daquilo que nos envolve, de como as pessoas sentem, foi também um aspecto que me cativou, entusiasmei e acabou por fazer com que eu gostasse de estar inserida neste trabalho sinodal. E como cristã também me entusiasma! Aquilo que mais ouvimos é que o Sínodo não vai mudar nada; claro que não vamos chegar a um dia e dizer que a partir de então vamos ter uma revolução (*risos*). As coisas vão mudando no sentido em que vamos falando delas, vamos tendo consciência daquilo que precisamos de mudar... e claro que as mudanças levam muito tempo. Acho que, nesse aspecto, fazer com que as pessoas se encontrassem, conversassem, percebessem que havia questões que não entendiam tão bem, que eram necessárias mais explicações sobre determinados assuntos, ou que nunca tinham pensado em determinadas questões... tudo isso já são ganhos, frutos do Sínodo! Muitas vezes referiram que gostariam de continuar com estes encontros destes grupos que foram criados para debater assuntos... isso é um ganho do Sínodo! Este ambiente de encontro, de partilha, de diálogo, indo ao encontro da temática do Sínodo, esta sensibilidade para a “Comunhão, Participação e Missão” é o que o Sínodo queria despertar nas pessoas. Acho que, nesse sentido, o objectivo foi conseguido. Se calhar, não em larga escala, mas talvez não tenhamos de fazer as coisas acontecerem apenas para grandes multidões, temos que fazer acontecer aqui, aos bocadinhos... e essas mudanças vão acontecendo. Se olharmos para a nossa tradição de Igreja, nós começamos por pequenos grupos; o Sínodo acontecia em pequenos grupos, é por aí que a mudança acontece. Aliás, a mudança acontece primeiro em cada um de nós!

“Está perto de vós o Reino de Deus!”

XIV DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Manter a imagem da semana anterior: o rosto de Jesus Cristo.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 66, 10-14c

Leitura do Livro de Isaías

Alegrai-vos com Jerusalém, exultai com ela, todos vós que a amais. Com ela enchei-vos de júbilo, todos vós que participastes no seu luto. Assim podereis beber e saciar-vos com o leite das suas consolações, podereis deliciar-vos no seio da sua magnificência. Porque assim fala o Senhor: “Farei correr para Jerusalém a paz como um rio e a riqueza das nações como torrente transbordante”. Os seus meninos de peito serão levados ao colo e acariciados sobre os joelhos. Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei: em Jerusalém sereis consolados. Quando o verdes, alegrar-se-á o vosso coração e, como a verdura, retomarão vigor os vossos membros. A mão do Senhor manifestar-se-á aos seus servos.

Salmo responsorial

Salmo 65 (66), 1-3a.4-5.6-7a.16e.20 (R.1)

Refrão: A terra inteira aclame o Senhor.

LEITURA II Gal 6, 14-18

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Gálatas

Irmãos: Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão valem alguma coisa: o que tem valor é a nova criatura. Paz e

misericórdia para quantos seguirem esta norma, bem como para o Israel de Deus. Doravante ninguém me importune, porque eu trago no meu corpo os estigmas de Jesus. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito. Amen.

EVANGELHO Forma breve Lc 10, 1-9

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. E dizia-lhes: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: «Paz a esta casa». E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles; senão, ficará convosco. Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes nalguma cidade e vos receberem, comei do que vos servirem, curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: «Está perto de vós o reino de Deus»”.

REFLEXÃO

Estamos convocados para aclamar a grandeza e a beleza das ações divinas, em nós e em toda a terra: “Aclamai a Deus, terra inteira, cantai a glória do seu nome, (...) dizei a Deus: «Maravilhosas são as vossas obras»”.

“O que tem valor é a nova criatura”

Nós somos “obra” maravilhosa de Deus. A sabedoria popular costuma dizer “tal pai, tal filho”, para confirmar as semelhanças físicas com os progenitores ou que os filhos reproduzem as qualidades (e os defeitos) dos pais (cf. *Lusíadas*, canto III, estrofe 28). Como cristãos, havemos de ser parecidos com Jesus Cristo, algo semelhante ao referido por Paulo, na Carta aos Gálatas: “eu trago no meu corpo os estigmas de Jesus”.

As marcas da cruz estão entre as consequências do discipulado, como vimos num dos anteriores episódios (cf. Décimo Segundo Domingo): a renúncia ao egoísmo, a entrega aos outros, a perseverança no caminho, os contratemplos da vida. Lembramos que, no nosso caso, não é uma questão de resignação passiva ou de procura do sofrimento. Trata-se da fidelidade ao trilho da vida sonhado por Deus para cada um de nós. Tal como Jesus Cristo. Apesar de nos parecer estranho, de certo modo resistimos a aceitar, é preciso contar com as dores próprias do crescimento e do amadurecimento. O processo de discernimento pode fazer-nos atravessar situações dolorosas, úteis para nos ajudar a refletir e a transformar o coração. “O sofrimento pode ser a porta de entrada para a felicidade”, afirma a psiquiatra Marian Rojas Estapé (*Como fazer para acontecer coisas boas*), proporciona um maior conhecimento de nós mesmos, conduz à verdadeira maturidade da personalidade. Paulo afirma: “O que tem valor é a nova criatura”.

O que é que Deus quer de mim? Como resposta genérica, podemos dizer que Deus quer que nos tornemos uma nova criatura, que cada um reproduza em si as qualidades de Jesus Cristo, das quais a maior é o amor. Só o amor é capaz de dar

sentido ao sofrimento e à entrega da vida. Marian Estapé declara que o antídoto do sofrimento é o amor saudável a si mesmo, a auto-estima, o amor aos outros, o amor às recordações e aos ideais e às crenças. Os primeiros de todos os frutos são a paz e a alegria, atestam os textos bíblicos deste Décimo Quarto Domingo (Ano C). São os frutos do processo de discernimento.

Os frutos

Felicidade verdadeira e paz profunda são testemunhadas pelas pessoas que concluem o processo de discernimento. Uma “paz e alegria inquebrantáveis, a certeza de estar «a fazer a vontade de Deus», que dá força ao amor, inclusive nas circunstâncias mais inesperadas e humanamente aflitivas da vida: eis o fruto do discernimento” (*Timothy M. Gallagher*). E assim se molda a nossa vida, no presente e no futuro. Nada há de mais grandioso para o ser humano do que sentir-se inundado pela paz e pela felicidade que brotam do coração e se tornam visíveis num rosto sereno. O cristão acredita que essa é a “nova criatura” que emerge em nós, quando buscamos e encontramos a vontade de Deus. É um caminho que está aberto para todos.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Todos os ministros do altar já terão notado o quanto é difícil, por vezes, fazer da sacristia um lugar de silêncio e de interioridade, que é o que ela deve ser. Às vezes, as sacristias transformam-



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações do XIV Domingo do Tempo Comum (Missal Romano, 440)

Oração Eucarística e Prefácio: Oração Eucarística para diversas necessidades III com Prefácio próprio (Missal Romano, 770ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

A missa é envio, é sempre missão que deve fazer ir ao encontro das pessoas concretas. Aceitemos levar paz e alegria à vida de alguém que esteja necessitado. O Reino de Deus constrói-se em estado permanente de missão!



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** *Alegra-te, Jerusalém* – A. Seíça
- **Ap. Dons:** *Não fostes vós que Me escolhestes* – Az. Oliveira
- **Comunhão:** *A seara é grande* – D. Faustinho
- **Final:** *Ide por todo o mundo* – M. Faria

se em cartórios paroquiais ou lugares de encontro e de cavaqueira. Mas ela é sobretudo o lugar em que se reveste de Cristo para o sacrifício. Por isso, tenhamos presente o pedido de São Paulo: “Doravante ninguém me importune”.

Leitores

A missão do cristão não está unicamente em fazer coisas, obras de misericórdia. O anúncio do Evangelho é a primeira missão do cristão. Os primeiros discípulos não foram enviados por Jesus para fazerem o levantamento das necessidades materiais das famílias; foram enviados para difundir a Paz e anunciar a proximidade do Reino de Deus. O leitor é o sinal da primazia do anúncio da Palavra sobre qualquer obra.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Levando a Comunhão aos doentes, o MEC concretiza hoje o envio dos 72 discípulos. Por isso, ao entrar nas casas, ele deve mostrar que vem trazer: a Paz, o anúncio do Reino e a consolação de

Deus. Assim, a saudação não deve ser uma saudação corriqueira, igual à do dia-a-dia. Ela deve ser já um primeiro anúncio. Dizer: “Paz a esta casa” é retomar de outro modo a saudação do Ressuscitado: “A Paz esteja convosco”.

Músicos

A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. É certo que muitos coros de jovens e de adultos se queixam da falta de “vozes” diante do imenso trabalho que está por diante. Todavia, por vezes, os grupos são tão fechados que parecem não ter consciência do tamanho da seara e repelem aqueles que dão os primeiros passos para a integração. Preferem definhar entre si do que receber um forasteiro que vem em Paz.

Celebrar em comunidade

Evangelho para a vida

“Ide: Eu vos envio” – Jesus envia os discípulos em missão dois a dois, para serem testemunhas do Evangelho! No entanto, recorda que nem sempre é

fácil ser discípulo, ser voz profética no mundo. Ser discípulo é sentir-se enviado a curar as feridas do nosso tempo, a levar a paz, tarefas que exigem tempo e disponibilidade, mesmo correndo o risco de ser rejeitado. Neste Domingo, enquanto discípulos enviados, que são chamados a “sair” para ir ao encontro, procuremos curar as feridas da fraternidade, procurando visitar alguém com quem não me dê tão bem.

Oração Universal

V/ Caríssimos irmãos e irmãs: oremos a Deus Pai por todas as necessidades do mundo e, particularmente, pelos homens e mulheres que não têm paz, dizendo:
R/ Ouvi, Senhor, a nossa oração.

1. Pelo nosso arcebispo D. José Cordeiro, pelos presbíteros e diáconos, pelos trabalhadores que o Pai envia para a sua seara e por aqueles de que a nossa Igreja arquidiocesana precisa, oremos.

2. Por todas as nações e seus governos,

pelos homens que promovem o bem comum e pelos que lutam sem descanso pela paz, oremos.

3. Pelos que ainda não conhecem Jesus Cristo, pelos que recebem os mensageiros do Evangelho e por aqueles que recusam escutá-los, oremos.

4. Pelos idosos da nossa comunidade paroquial, pelos jovens que estudam ou trabalham e pelas crianças deficientes e seus pais, oremos.

5. Pelos cristãos que se gloriam na cruz de Cristo, por aqueles para quem ela é um escândalo e pelos defuntos que a abraçaram com amor, oremos.

V/ Senhor, nosso Deus, fazei que toda a terra vos aclame e, porque a vossa bondade é sem limites, dignai-Vos inscrever no livro da vida os nomes de todos os vossos fiéis. Por Cristo, Senhor nosso.

R/ Ámen.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Está perto de vós
o Reino de Deus!”

DÉCIMO QUARTO DOMINGO
ANO C · 2022



LABORATORIODAFE



NÚNCIO APOSTÓLICO CONFERE O PÁLIO A D. JOSÉ CORDEIRO

Decorre, no próximo dia 10 de Julho, às 15h30, na Sé Catedral, a cerimónia da imposição do Pálio a D. José Cordeiro, pelas mãos do Núncio Apostólico, D. Ivo Scapolo. A entrega do Pálio objectiva o juramento de lealdade que os Arcebispos fazem ao Papa e aos seus sucessores. De acordo com o Boletim de 20 de Junho da Sala de Imprensa da Santa Sé, na quarta-feira, dia 29 de Junho, Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, às 09h30, na Basílica de São Pedro, o Papa Francisco abençoará o Pálio.

O Pálio é usado por todos os Bispos Metropolitanos, dizendo da autoridade que lhes cabe sobre todas as dioceses da Província Eclesiástica que coordenam. No caso da Arquidiocese de Braga são-lhe sufragâneas as dioceses de Bragança-Miranda, Vila Real, Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Lamego, Viseu e Coimbra. Na sua forma actual, o Pálio tem a forma de "Y" e é decorado com seis cruces negras de seda, que lembram as feridas de Cristo. Para a cerimónia da imposição do Pálio estão convocados todos os fiéis da Arquidiocese.

CURSO INTENSIVO DE FORMAÇÃO "ACREDITAR" DECORRE EM JULHO

O Departamento Arquidiocesano para a Formação e Ministérios Laicais propõe, em pleno Verão, um percurso intensivo de formação - o curso "Acreditar" - nos dias 1, 2, 8, 9 e 16 de Julho, no Centro Pastoral da Arquidiocese. O curso destina-se a qualquer cristão confirmado na fé que queira fazer um percurso de aprofundamento dos principais temas da fé cristã. Esta formação decorrerá, às sextas, em horário pós-laboral, das 21h00 às 23h00, e aos sábados, das 09h00 às 18h00, tendo um custo de 10€ por participante. As inscrições podem ser feitas através do formulário em <https://forms.gle/EkZc2YEne9MZhdBd7>, até ao dia 26 de Junho.



AGENDA Viva

1

JUL

GUIMARÃES
ROMARIA GRANDE DE SÃO TORCATO

29

JUN

TOURAL / GUIMARÃES
FESTA DE S. PEDRO
10H00

O tempo é agora

UMA CONVERSA COM O PE. LUÍS MARINHO

Terça-feira, 28/06, às 21h

www.dmtv.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

19,90€

10% Desconto*

UM DIÁRIO DE LEITURAS

ALBERTO MANGUEL

Ao longo de um ano, Alberto Manguel revisita 12 dos seus livros preferidos e anota num registo diferente do habitual, mais íntimo, diarístico, mês a mês, a ligação directa entre a literatura e a vida.

Compre online em www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 23 a 29 de Junho de 2022.